

OS 350 ANOS DA SEGUNDA BATALHA DOS GUARARAPES



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academis Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.

Materia digitalizada da Revista do Clube Militar, nº 356, para disponibilizá-s em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahitb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado a AMAN em Boletim Interno para integrá-lo no programa Pégamo de bibliotecas do Exército

OS 350 ANOS DA SEGUNDA BATALHA DOS GUARARAPES

Cláudio Moreira Bento*



Felipe Camarão

João Fernandes Vieira

André Vidal de Negreiros

A 17 Fev 1649, 3.650 holandeses ao comando do coronel Brinck decidiram deixar Recife e ocupar os Montes Guararapes, de onde esperavam atrair os patriotas luso-brasileiros, com seus 2.640 homens, para uma batalha decisiva e vingadora da humilhante derrota que sofreram em 19 abril 1648.'

Após uma marcha forçada, estacionaram nos Montes Guararapes, numa cópia da manobra usada pelos patriotas na primeira batalha mencionada.

O Exército Patriota, ao ver ocupado o Boqueirão do Guararapes, infiltrou-se durante a noite de 18 através de passagens existentes, ao oeste dos Montes Guararapes. Postou-se pela manhã à retaguarda do Exército da Companhia da índias Ocidentais, sem revelar sua força e dispositivo.

Frustrados pelo fracasso de seu plano militar e castigados pela sede e sol inclemente, os holandeses decidiram retornar a Recife no início da tarde de 19 de fevereiro, na crença de que os patriotas, muito enfraquecidos, segundo informações recebidas, não interfeririam na manobra.

A tarde, após retirar quatro regimentos da posição, para iniciar a marcha de retorno ao Recife e deixar somente dois para cobrir o retrainento, os holandeses foram atacados de surpresa.

Os luso-brasileiros, com seis unidades de Infantaria, comandadas por Fernandes Vieira, Henrique Dias, Camarão,

Figueiroa, Vidal de Negreiros e Dias Cardoso e duas companhias de Cavalaria por Antônio

Silva e Manoel de Araújo, atacaram em toda a frente, saindo de locais onde se mantiveram ocultos. E colheram mais uma brilhante vitória militar. Von Schkoppe, comandante holandês assim se referiu a este grande fracasso militar:

"A Cavalaria e a Infantaria se lançaram sobre os nossos regimentos e causaram tanta desordem que nem os oficiais, quer inferiores, quer superiores, nem os soldados, puderam cumprir o seu dever, o que provocou tal consternação entre os nossos que a pena não poderia descrever ... e a maior parte de nossas tropas se pôs a fugir, deixando-se matar sem resistência, como crianças".

E de um comentarista luso-brasileiro, contemporâneo da batalha:

"A destruição não foi maior na perseguição porque cansados estavam os holandeses de fugir e os patriotas de matar e vencer."

Este desastre militar foi descrito por Van Goch, oficial holandês participante da batalha:

"Tivemos de recuar por causa da excessiva força do inimigo que atacou com tanta impetuosidade que nossas tropas começaram a fugir e acharam-se logo na maior confusão, que nem palavras nem força puderam retê-las, apesar de todos os esforços dos oficiais. As nossas tropas, entregues à desordem, à deserção e à confusão, dispersaram-se aqui e ali, por diversos caminhos, em direção ao mato e ao rio".

Antônio Dias Cardoso, hoje denominação histórica do Batalhão de Forças Especiais, ao representar o Exército Patriota na troca de mortos e prisioneiros, respondeu, com toda a sua autoridade de mestre da **"guerra brasílica"** ou de emboscadas, a um oficial holandês que assegurou vitória no próximo confronto, combatendo disperso com o Exército Patriota;

"Melhor para nós, pois cada soldado nosso será um capitão, enquanto cada um dos vossos soldados necessitará um capitão ao lado para combater".

Dias Cardoso estabeleceu assim a diferença entre o soldado patriota, encaminhado à luta por motivos patrióticos, e o mercenário engajado por dinheiro.

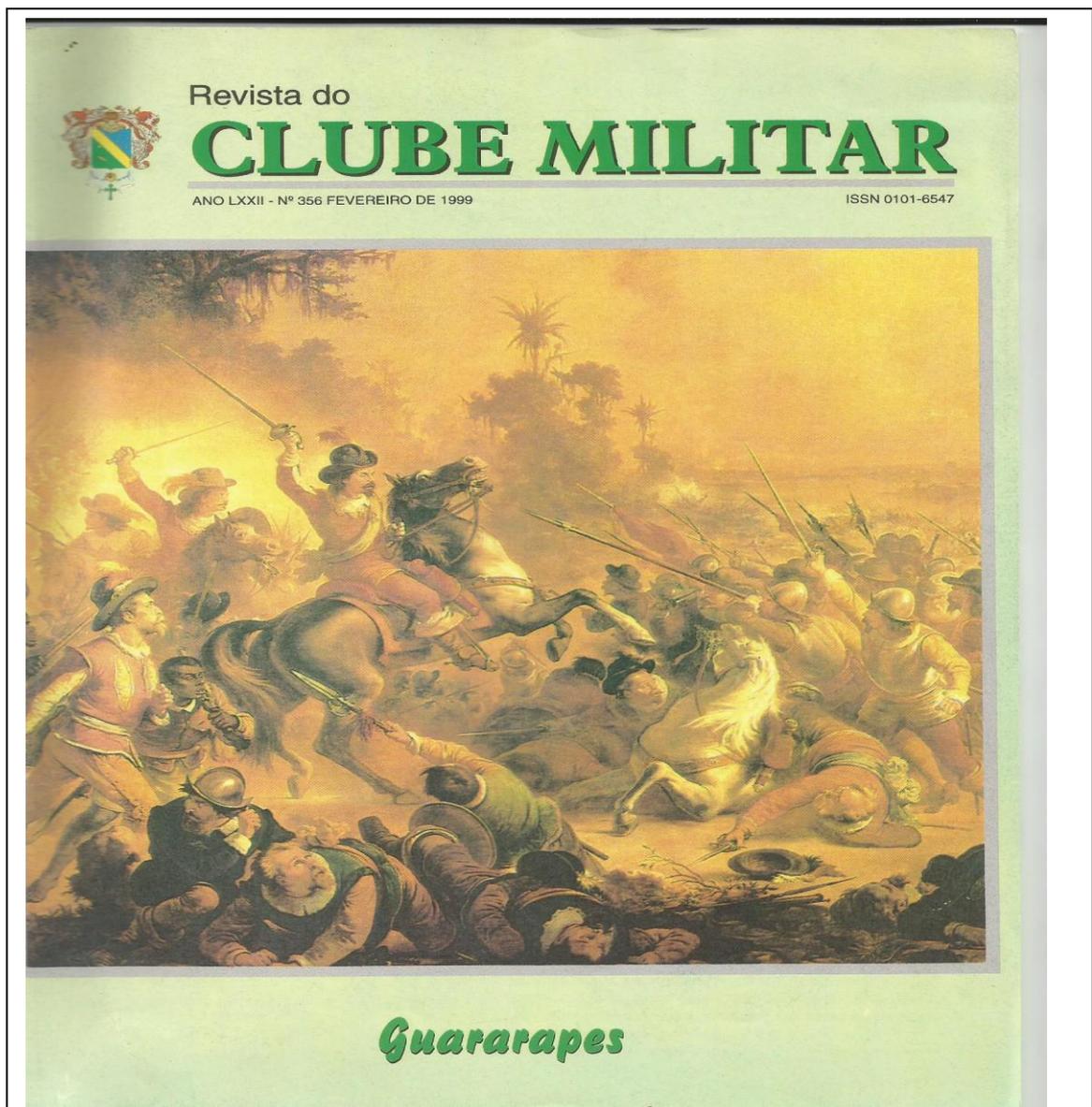
Esta vitória definiu o destino brasileiro do Nordeste ou segundo Gilberto Freyre:

"Nos Guararapes definiu-se a sangue o destino do Brasil o de ser um só e não dois ou três hostis entre si

De tudo resulta a importância da evocação deste evento que alicerçou a pátria brasileira.

Se derrotado o Exército Patriota em 19 fevereiro 1649, outro teria sido o destino do Brasil e dos brasileiros.

Lamentavelmente esta efeméride não mereceu por razões que desconhecemos a ênfase que foi dada às comemorações dos 350 anos da 1ª batalha dos Guararapes em 19 de abril de 1998.



Capa da Revista do Clube Militar nº 356, fev 1999 que publicou nosso artigo na página 5